

Abortando a revolução

O levantamento preliminar do Ministério da Educação, que aponta 34 universidades de um total de 106 estudadas — um terço, portanto — como tendo um corpo docente abaixo do nível de qualificação necessário para bem exercer suas funções, é mais um documento que vem atestar a conhecida crise por que passa a educação em nosso país.

A avaliação levou em conta **apenas o número mínimo** de doutores, mestres e especialistas que cada universidade deve ter para, pelo menos em princípio, assegurar bom nível de ensino. Certamente se se tentasse avaliar também a **qualidade** dos professores que recenseou chegaria à conclusão muito pior do que a que tirou desse levantamento. Das 34 reprovadas, cinco receberam nota inferior a 1,55 (nota máxima cinco) e as demais 29, nota inferior a 2,0. Entre elas, predominam as universidades públicas, federais ou estaduais. A Universidade de São Paulo (USP) continua como o melhor centro de estudos superiores do País, com a nota 4,26, a mais elevada obtida entre todas as instituições pesquisadas nesse levantamento.

O fato de o grosso dos recursos do Estado destinados à educação ir para o ensino universitário já é um desses absurdos que ninguém quer explicar no Brasil. Afinal, o sentido do ensino público é o de atender às populações carentes e dar a todos chances iguais ao menos no começo da vida, o que aponta diretamente para o ensino de primeiro e segundo graus como prioridades. No entanto, um relatório divulgado pelo Tribunal de Contas da União (TCU) no final do mês passado sobre as contas do governo em 1993 mostra que nada menos que dois terços das verbas educacionais são engolidos pelas universidades. E diz mais o relatório: o Brasil gasta US\$ 8.804 por aluno universitário, enquanto a Alemanha gasta apenas US\$ 5.900, a Inglaterra, US\$ 5.100, e o Canadá, apenas US\$ 3.975. Com esses números, não seria de se esperar que essas instituições apresentassem resultados pelo menos razoáveis?

O resto do relatório mata essa aparente "charada". As universidades públicas brasileiras têm um professor para cada 6,45 alu-

nos, sendo que nas universidades particulares essa relação é de 1 para 15. Nos Estados Unidos, essa proporção é de 1 para 13 e na França de 1 para 23. O número de funcionários por aluno, então, é um acinte. Há casos em que os primeiros superam os últimos. Ou seja, um corporativismo galopante engoliu nosso sistema educacional. O jogo político e ideológico tomou conta de nossas universidades sob o olhar acovardado das autoridades, e não é mais a qualificação e nem mesmo a dedicação à função que definem quem pode ou não pode ser professor. Há muito mais professores que os necessários e, por isso, embora paguemos, como contribuintes, quase o dobro que os países do Primeiro Mundo pagam por cada aluno diplomado, o dinheiro não é suficiente para todos os parasitas que infestam nossas universidades. Assim, os professores que valem a pena acabam ganhando salários de fome porque os que não valem dividem o bolo com eles. Na hora de reivindicar, no entanto, prevalece a omissão, a ideologia ou a covardia: todos — competentes e incompetentes — reivindicam, solidários, aquilo que nem as maiores economias do mundo podem prover. E o Brasil inteiro emburrece com isso.

E tem mais, como lembra o TCU. Todo esse caríssimo sistema, além de não corresponder ao investimento nele feito pela sociedade, ainda serve a uma minoria privilegiada. Pelo menos 50% dos estudantes que freqüentam as universidades públicas têm renda familiar superior a 30 salários mínimos. São os que têm condições de pagar escolas privadas no primeiro e segundo graus e passar no vestibular, já que as escolas públicas desses graus estão inteiramente abandonadas, graças ao "privilegio" dado às universidades. Com isso, o sistema transfere rendas dos pobres para os ricos...

Enquanto persistir essa situação o Brasil jamais conseguirá fazer a grande revolução democrática exigida por nossa época, por mais que as falsificações ambulantes que dominam a nossa política enchem a boca com a "justiça social". E isso porque o conhecimento é e sempre foi a única matéria-prima de toda e qualquer revolução.